

Ah! Se **Santana de Parnaíba** não existisse!

Paulo Bomfim

Ah! Se Parnaíba não existisse!

Se Manuel Fernandes Ramos jamais houvesse encontrado Suzana Dias, matriz dos bandeirantes André, Baltazar e Domingos, os Fernandes Povoadores não teriam nascido para fundar esta cidade, Sorocaba e Itu. Goiás posuiria outro destino, longe das pegadas do Anhanguera; Mato Grosso ficaria encantado, ausente do despertar de Luis Castanho de Almeida; e o ouro do Coxipó não seria garimpado por

Pascoal Moreira Cabral Leme, neto de parnaibanos.

Ah! Se Parnaíba não existisse!

A prata de Potosi estaria mais distante, sem o sonho que Antonio Castanho da Silva aqui sonhou em 1621; e Lourenço Castanho Taques jamais haveria descoberto o ouro das Gerais.

O Piauí teria outro contorno, sem Domingos Jorge Velho; e um rio correria anonimamente pelo Nordeste, sem o nome de Parnaíba!

Ah! Se Parnaíba não existisse!

Que destino teria a luta dos Pires e Camargos; qual paisagem se

debruçaria sobre o Tietê, sem Fernão Pais de Barros, o domador de suas águas; sem a hospitalidade do padre Guilherme Pompeu de Almeida e as passadas sertanistas dos Lemes, dos Godoi Moreira, de Fernão Dias Falcão!

Se Parnaíba não existisse, não estaríamos aqui, agora, remotos descendentes de seus fundadores, a cultuar o 14 de novembro, data magna do bandeirismo!

Quarenta e três anos mais tarde, o idealizador do Dia e da Semana dos Bandeirantes retorna às raízes, revê os solares que habitou na alvorada seiscentista e reza junto aos templos nos quais os antepassados aguardam a ressurreição.

Ah! Se Santana de Parnaíba não existisse, que silêncio desceria sobre a história de São Paulo!



*Igreja de Santa Ana –
Matriz de Santana de Parnaíba*

<http://fatema.br/galeriafotografialocai.htm>

Paulo Bomfim
Poeta

Testemunha contra a vontade

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak

O doutor era chamado com alguma frequência para opinar sobre infecção hospitalar – afinal, era sua área de conhecimento. Mas nunca imaginou que, ao apreciar o caso complicado de um paciente que desenvolveu infecção em incisão cirúrgica – que só foi resolvido após muito tempo, depois de várias limpezas do campo infeccionado e briga entre o doente e o cirurgião que o havia operado –, acabaria, um belo dia, sendo convocado para depor no Fórum.

Depor no Fórum é uma das coisas mais irritantes para quem tem compromissos e faz a vida de médico: de manhã, hospital universitário, de tarde, consultório, e quase nenhum tempo vago, com agenda sempre explodindo.

Quando alguém vai até o Fórum sabe que precisa chegar na hora e nunca imagina a ocasião na qual vai ser chamado, isso sem falar nas vezes em que o senhor juiz adia a audiência para o momento que seja interessante para ele, que não está preocupado com a conveniência dos depoentes. O depoimento até que pode ser rápido, porém, ele é reduzido a termo por um escrivão cuja habilidade com o

computador é igual à que tinha antes com a máquina de escrever, ou seja, catando milho. Bem devagar. Depois, experimentem ditar ao supracitado funcionário um nomezinho simples de bactéria, algo como *staphylococcus aureus*. Se quiser se divertir, é só ver como fica a grafia. Aí o termo precisa ser corrigido, digo... e tome dizeres... Enfim, isto costuma ser uma tarde perdida, inteira, e se a testemunha tiver sorte é uma tarde só, porquanto pode ser mais, bem mais. A convocação para prestar declarações na Justiça tem que ser obedecida por qualquer cidadão, quer ele goste disso ou não. Imaginemos que para ilustres aposentados, incluindo os que antes usavam fardas – totalmente desocupados em casa, de pijama, infernizando a vida das mulheres –, idas ao Fórum sejam apreciadíssimas, pois terão a chance de pôr terno, com gravata, e sentirem-se importantes de novo.

O doutor encontrou na porta do consultório um oficial de justiça, recebeu a intimação e, ao lê-la, não conseguiu descobrir porque cargas d'água lá estava nominado. Tratava-se de paciente que ele nunca viu, tratado por colega competente, que desenvolveu infecção pós-cirurgia cardíaca na incisão esternal, e cujo causídico, em linguagem empolgada, dizia que o acontecimento era hospitalar, e pelo Código do Consumidor, evidentemente, a culpa cabia ao hospital. O hospital havia pedido ao doutor – foi aí que ele se achou – uma opinião técnica como presidente da Comissão de Controle Hospitalar no nosocômio onde exercia atividades. O doutor analisou o caso, dizendo que, de



fato, a infecção adquirida era obviamente hospitalar, correspondendo, no entanto, a um dos riscos que se tem quando, realizada incisão, fica ultrapassada a barreira da pele... e que é impossível achar um cirurgião que jamais tenha envolvimento com infecção incisional, a menos que ele não opere. O paciente (ou seu advogado) não se satisfez com esta informação e acabou processando o hospital, além do médico, como também pensou seriamente em autuar o Sistema



maior papo com o doutor na descida, abandonando o seu cliente, lento, dois andares acima. No caminho, o advogado explicou que pegava essas causas em contingência, ou seja, se ganhasse, dividiria o dinheiro com o paciente, e se perdesse, este não despenderia nada. Qualquer causa servia, mesmo porque a intenção era propor acordo por um décimo do preço apazado para a causa, e se colar, colou...

Único de Saúde (SUS). Não chegou a este ponto pela justificada fama do SUS de pagar sempre muito pouco e com muito atraso, provavelmente.

No dia apazado, o doutor suspendeu seus atendimentos no consultório e para lá foi, muito mal-humorado. Naturalmente, a audiência, que era para ser às 2 horas, começou às 3 horas. Como sempre, o elevador estava encrencado, e o doutor, do alto dos seus mais de 60 anos, teve que subir 12 andares pela escada, que parecia um destes corredores estreitos de trânsito, tão apreciados pelos paulistanos, no maior congestionamento. Evidentemente, as perguntas do advogado do paciente eram absolutamente estúpidas, e a tentação de dar respostas mal-educadas enorme. Enfim, uma tarde completamente perdida.

O doutor foi o último depoente naquela audiência, saindo de lá já noite escura, descendo as escadas nos lances dos tais 12 andares junto com o paciente e com o ilustre causídico que o representava. Curiosamente, toda a agressividade do advogado acabara com a audiência e ele iniciou o

Isto ele disse no décimo andar. No sexto, ele já estava interessado numa consulta particular com o doutor:

– Doutor, eu sei que tenho pressão alta, mas não sinto absolutamente nada. Preciso mesmo tomar remédio?

O doutor, já muito irritado, na altura do quarto andar respondeu:

– Não, isto é onda dos médicos. Quanto é sua pressão?

– 22x14, alguma coisa assim.

– Tem problema não. Faz um pouco de exercício. Por exemplo, na próxima audiência, suba esses 12 andares bem depressa que você vai ver como a pressão cai.

Chegaram ao térreo, despediram-se, e o doutor ficou esperando a convocação para a próxima audiência.

Nunca veio, por morte do advogado, que teve um mal súbito no Fórum – lá pelo 11º andar – dois dias depois. Coitado, nem deu para chamar o Resgate, e foi duro carregar o morto tantos andares para baixo, pela escada.

Um dia na vida

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Dissipava-se a névoa rasteira da manhã e, outrossim, meu pensamento recuava a décadas passadas. Procurava identificar os melhores dias da minha vida... Concluí que os “grandes dias” encontravam maior expressão no convívio de diuturna prática da Medicina, no seio da qual a influência de colegas insignes se tornara valor definitivo.

Em confronto, meu íntimo devaneador clamava para trazer à tona o mais grato deles, o único e absoluto “um dia na vida” (gosto deste título, há anos tento versejá-lo). A resposta a essa pequena indiscrição servirá de epílogo para esta narrativa.

extremamente magnânima. Nossa amizade começou na hora em que me obrigou a tratá-lo por “você” (maneira anteriormente adotada por meu pai, para facilitar intimidades e reforçar franquezas em nossa pequena família). Daí por diante, foi esse o meu proceder para com os superiores mais acessíveis.

Foi assim, já na área clínica, que ocorreu – após conhecer Bernardino Tranchesi e Enio Barbato, meus chefes imediatos em épocas diferentes. Tal facilidade de relacionamento consolidou a intimidade que se iniciava.

“Seu coração cantava: tenho um amigo, tenho um amigo! Nada via. Nada

tão, talvez para atenuar o medo, fiz uma pergunta maldosa: – “Bernardino, você já viu um avião voar com a hélice parada?”

Mercê da habilidade do piloto, o problema foi contornado. Chegados ao Rio de Janeiro, uns bons *chopp*s e os ditos espirituosos do grande Walter D’Avila (Teatro-revista) arrefeceram a nossa preocupação. Madrugada adentro nos encontramos com Barbato e embarcamos juntos; foi o começo de uma nova amizade.

Enio Barbato – cientista da cardiologia por formação; humanista por natureza. Amigo meu e de minha família; bem por isso, sentiu-se compelido a con-



Quem, hoje, vai da Praça Oswaldo Cruz à esquina da rua Tamoio com a rua Vergueiro talvez não estranhe o percurso. Mas este, antigamente, parecia mais longo, sobretudo se percorrido a pé. Era o que fazia o Dr. Cássio Portugal Gomes para abrandar nossos males, sem nunca aceitar qualquer retribuição. Exemplar médico de família e meu ídolo. Não lhe faltava sobriedade no trajar e distinção nos modos; para abreviar a cura, bastava a sua presença. Já na condição de colega, mais uma vez, da correção dos seus atos, notei correspondência na devoção dos seus clientes – a dignidade da relação médico-paciente ainda era intangível.

O Hospital das Clínicas (HC, FMUSP), desde o início, já me parecia um templo. Como estudante comeci a frequentá-lo no 4º ano da Faculdade. Meu primeiro dia na sala cirúrgica foi surpreendente, graças a Sylvio Alves de Barros, um dos excelentes cirurgiões da época. Caracterizava-o uma rudez de atitude que, em verdade, encobria uma índole

ouvira. Não pensava em mais nada” (Romain Rolland, Jean-Christophe).

Desenvolvia-se uma das derradeiras regatas Mack – Med. A torcida era animada, porém, Bernardino Tranchesi, no banco ao lado, aplaudia muito mais. Indaguei-me admirado: “é este o famoso professor?”

Bernardino, além de professorar com maestria a arte de exercer a Medicina, era de admirar o seu dom de ajudar. Insitou-me e facilitou-me a montagem do meu primeiro consultório; orgulho-me do vidro de cristal lapidado que garante a minha nova mesa de trabalho e mantém viva a lembrança da sua antiga mobília, também usada por mim. Ademais, por sua indicação e insistência, fui o seu substituto na chefia da Enfermaria e Propedêutica (HC), berço das minhas melhores realizações na atuação universitária.

O nosso bimotor rumo ao Nordeste havia acabado de decolar. Junto à janela, subitamente, notei algo apavorante. En-

seguir que minha mãe me convencesse a aceitar um cargo muito honroso e promissor. Ademais, quase simultaneamente, construímos as nossas casas “de praia”, em anos que estreitaram nossos laços, embora pungentes, pois foram os três últimos anos da sua vida.

Bertioga, 40 anos depois:

Frente ao mar conquanto acerto meus passos sobre a areia,

meu pensamento voa, muito acima do quebrar das ondas, e busca no infinito vislumbres de antigas vivências...

Por instantes contemplo a imensidão...

algo incomoda-me os olhos...

então, dou as costas para o mar e volto; mas, é sempre triste dar as costas para o mar.

Daher E. Cutait – uma das eminências na cirurgia do aparelho digestivo, considerava-se, e por mim era considerado, um “irmão”. Essa assertiva foi mais do que comprovada pela noite de vigília à

qual se impôs, porque se preocupava com o meu estado pós-operatório. Já mais poderei esquecê-lo.

Em uma tarde de domingo, João Tranchesi, líder da Eletrovectorcardiografia e venerado por todos os seus ex-alunos (quatro décadas de “Colóquio – João Tranchesi?”), convenceu-me a sistematizar algumas análises vectorcardiográficas sobre tipos de bloqueios. De fato, com o seu espírito esportivo entusiasmante, contagiou-me a tal ponto que acabei realizando duas teses.

Impactos emocionais causaram-me as dedicatórias do professor A. C. Pacheco e Silva em vários livros que me ofereceu, em especial naqueles em que repetidamente chamava-me de “colega”. Nossos contatos prosperavam enquanto ele se tornava o meu principal incenti-

ou com a tristeza de uma lágrima...
aquela flor:
uma ilusão,
sonho,
ou realidade...
aquela flor...
nem sei...
mas restou tanta saudade.

Em 4 de agosto de 1950, tomava posse da cadeira de Clínica Médica o professor Luiz V. Décourt, em consequência, ingressei na Segunda Clínica Médica (HC), como assistente voluntário do seu serviço. Ele foi o mestre e orientador da minha carreira universitária, por isso, em sua homenagem, dediquei, recentemente, um artigo especial comemorando o 55º aniversário de tão significativa data.

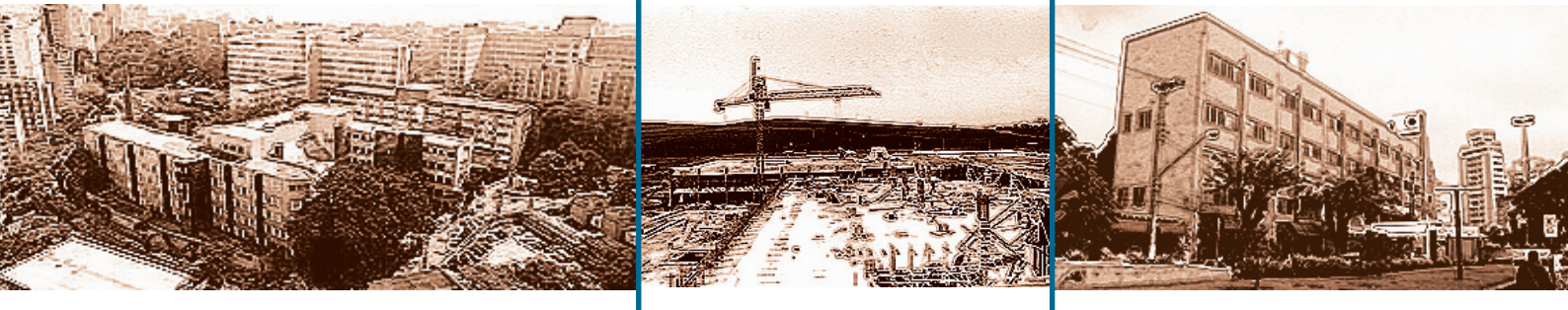
Bussamara Neme, mestre da obstetrícia, que já era, no dia 31 de maio de

Num dia de perspectiva sombria da minha vida, a competência e ética profissional de Alfredo C. Barros iluminou a nossa esperança. E a onda pessimista se mantém contida há mais de dez anos, paralelamente à amizade que mais se afirma.

Um dia perfeito, enfim – o 14 de julho de 1946. Entardecia, e as primeiras luzes brilhavam no Largo do Ouvidor. Dirigi-me ao encontro de Sylvia... era o primeiro, e juntos embarcamos no ônibus 47. Havia simplicidade em tudo aquilo.

Um dia na vida
a alma com vida,
foi alma vivida
a vida num dia

Ainda hoje passamos de mãos dadas.



vador nas implantações dos serviços de geriatria e na editoração do livro *Clínica do indivíduo idoso*.

Uma bela viagem, por si, pode ser fator determinante “de um grande dia”. Meus contatos com colegas do exterior, bons anfitriões, foram frutíferos. Conscientizei-me mais adequadamente da cultura estrangeira, incorporei novos conhecimentos e evolui no modo de proceder quanto às relações humanas. Todavia, nossos liames foram se esvaecendo, e as notícias sobre suas vidas a distância se encarregou de acobertar.

“Mas agora vocês se foram... Não, não se foram porque são ainda uma vívida verdade dentro da minha mente” (Richard Llewellyn, *Como era verde o meu vale*)

Depois disso, que mais eu poderia dizer?

– Guardo uma flor para vocês:
aquela flor:
branca, azul, amarela
aquela flor,
com o brilho de uma estrela,
alegria de um sorriso,

1960, à semelhança da atitude de Daher Cutait, espontaneamente manteve-se em “plantão” até às 5 horas da madrugada para atender o nascimento do meu filho João Batista.

Por outra, cada vez que vou à casa de Fulvio J. C. Pilleggi, acodem-me recordações de uma fase muito grata. Com efeito, no segundo semestre de 1971, logo após brilhante concurso de docência-livre, ele se dispôs – noites seguidas, aos domingos, inclusive – para recapitularmos a extensa matéria por ele próprio preparada há anos. É impossível esquecer a sua pertinácia nessa ajuda, que só a força da amizade é capaz de entender.

Paulo Jorge Moffa foi outra dádiva de João Tranchesi, seu mestre na Eletrovectorcardiografia. Os seus conhecimentos científicos seguros foram decisivos na realização das minhas teses e de outros trabalhos. Associou-se à nossa atuação profissional e, hoje, três décadas passadas, ainda é um amigo incondicional.

PS:

Cerro os olhos – contudo, bem des-
pertos para escolher os meus sonhos:

– ouço Mario Lago: “nada além, nada
além de uma ilusão...”

– vejo a ventura no vulto dos que já
se foram...

– no Largo do Ouvidor, ansiosamente,
chego ao antigo ponto de ônibus –
parece-me aperceber a felicidade a me
acenar... e nada mais ao redor...

A ilusão sempre é melhor do que a
realidade.

Luis Gastão Costa
Carvalho Serro-Azul
Médico e Escritor

Analogias em medicina

José de Souza Andrade Filho

“Samambaia” no útero. O colo uterino, por meio das glândulas endocervicais, secreta um fluido claro e viscoso, rico em mucina, e que contém outras substâncias e células descamadas, denominado muco cervical. Este apresenta alterações físico-químicas cíclicas significativas no decurso do ciclo menstrual. Sob estímulo estrogênico, a secreção endocervical torna-se profusa, clara, líquida e alcalina, atingindo o seu ápice no período ovulatório, o que facilita a penetração dos espermatozóides. Após a ovulação torna-se viscosa, escassa, ácida, contendo numerosos leucócitos, impedindo a passagem dos espermatozóides.

A análise bioquímica e ultra-estrutural mostrou que o muco cervical é composto de uma rede micelar heterogênea de glicoproteínas. O espaço intermicelar ocupado pelo plasma cervical é rico em cloreto de sódio e potássio, cujos íons são responsáveis pela cristalização/arborização do muco em “folha de samambaia” (ingl. *ferning*) ou de palmeira (ingl. *palm leaf fashion*) quando deixado secar em lâmina de vidro.

As micelas glicoprotéicas se dispõem paralelas umas às outras numa distância de 5-15 microns, criando um sistema de canal favorável à penetração dos espermatozóides. Sob a ação da progesterona, o canal micelar é substituído por uma densa rede composta de pontes micelares entrelaçadas que impedem a penetração dos espermatozóides. Portanto, a arborização em *folha de samambaia* – nome comum a várias plantas ornamentais – indica a aproximação da ovulação. Acredita-se que o muco torna-se líquido por 3 ou 4 dias antes, durante e imediatamente após a ovulação, objetivando facilitar a passagem dos espermatozóides. Após a ovulação e gravidez há inibição da cristalização. Novak & Novak, em livro-texto de ginecologia (1954), relatam que o eminente George Papanicolaou, em 1946, já observara o fenômeno de cristalização em samambaia do muco cervical.

“Ladrãozinho” na pele. O furúnculo é “infecção da pele, circunscrita a um folículo pilossebáceo, causada por um estafilococo e que se apresenta sob a forma de um carnicão no centro da área inflamada” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). Ocorre destruição do pêlo e da glândula sebácea com formação de cicatriz. Clinicamente, o furúnculo mostra-se como nódulo eritematoso, doloroso e quente. O *Houaiss* ainda

registra: “Etim. lat. *furunculus*, *i* propriamente ‘ladroeiro, broto secundário da videira que se desenvolve a expensas dos ramos principais, furtando-lhes a seiva’; como, no momento em que nasce esse broto, a videira apresenta um botão, deu-se, por analogia, o mesmo nome a um botão [infeccioso] de pele” (*furunculus*: literalmente, ladrãozinho, diminutivo de *fur*, *furis*: ladrão; ingl. *a little thief*). A sinonímia popular do furúnculo é rica e inclui “bichoca, bichoco, cabeça-de-prego, frunco, fruncho, frúnculo, leicenço, nascida, nascido”. O termo antraz refere-se a um conjunto de furúnculos (*anthrax*, *cis* “terra vermelha”, gr. *antraks*, *akos* “carvão, carbúnculo”), apresentando-se como área eritematosa, edemaciada, sobre a qual surgem múltiplos focos de drenagem de exsudato purulento (pus).

Ainda relacionada ao furúnculo, há a rara síndrome hiper-IgE (hiperimunoglobulinemia IgE), na qual ocorrem infecções recorrentes, incluindo abscessos na pele por estafilococos (*S. aureus*). Davis e outros autores, em relato científico sobre pacientes com hiper-IgE, criaram o termo síndrome de Jó (Davis SD, Schaller J, Wedgwood RJ. Job’s syndrome: recurrent “cold” staphylococcal abscesses. *Lancet* 1966: 1013-15), baseando-se no personagem bíblico que, castigado, resistiu, com grande paciência e coragem, a uma grave “furunculose crônica e recidivante da cabeça aos pés”.

José de Souza Andrade Filho

Patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

História do mar, de ontem e de hoje

Arary da Cruz Tiriba

Discutia-se na enfermaria sobre o adulto de 40 anos cujo processo infeccioso, grave, arrastava-se por mais de semana. No quadro clínico pontificavam: febre elevada persistente, evidências de septicemia e presença de abscessos tegumentares múltiplos. Caso intrigante, porque o exsudato das lesões revelava o microrganismo *Proteus* – praticamente o achado laboratorial mais marcante –, ao passo que as culturas do sangue eram negativas e os demais testes não concorriam para o esclarecimento completo, tornando a interpretação, de alunos, residentes e professores, algo confusa.

De alguma forma, suscitaram-se comentários sobre aquele tipo de germe – *Prot. vulgaris*, *Prot. mirabilis* –, amplamente distribuído na natureza em matéria decomposta de origem animal, uma presença constante na carne putrefata e no esgoto, muito frequente nas fezes do homem e de animais e, naturalmente, nos abscessos supurativos. Na época em que o arsenal antimicrobiano era restrito, o agente foi responsável por destrutivas lesões nas meninges, no aparelho auditivo, no trato urinário e digestivo, no tecido sangüíneo, de onde disseminava por todo o organismo, especialmente em crianças e adultos diabéticos. Ao microscópio, *Proteus* tem muito em comum

com outras enterobactérias causadoras, entre tantas infecções, da *febre entérica* ou *febre tifóide*. De passagem, a forma clínica mais terrível desta última é veiculada por frutos do mar, em especial pela ingestão de ostras cruas.

E por falar em mar... eu, veterano caíçara do litoral de São Paulo, sinto-me impelido a contar-lhes a história de outro velho marujo.

Começa assim, *era uma vez um mari-nheiro...* Refiro-me ao profético marítimo de origem grega pastor de focas. Seu nome: *Proteus*. Seu domicílio: insular, sediado em Páros, próximo da boca do Nilo (afirmava Virgílio que sua casa era a ilha de Kárphtos, entre Creta e Rodas). Ele conhecia tudo, mas tudo mesmo, sobre coisas do passado, presente e futuro, só que não gostava de exhibir o condão. Se perseguido, para escapar, assumia toda sorte de forma: leão, serpente, leopardo, javali, árvore, fogo, água... Aqueles que desejassem consultá-lo tinham que surpreendê-lo e amarrá-lo durante a soneca do meio-dia, à hora mais quente, na caverna junto ao mar, onde ele passava o tempo cercado do rebanho de focas. Mas se seu captor o segurasse rápido, mantendo-o com firmeza, o deus, sem alternativa, reassumia sua própria forma, obrigando-se a dar resposta à pergunta antes de mergulhar

nas profundezas do mar. Pelo seu poder de assumir qualquer forma que desejasse, *Proteus* passou a ser olhado – especialmente pelos místicos – como um símbolo da matéria original, a gestora primária do mundo. Na prática clínica, ele pode ser enganador, pode confundir.

Caro aluno, é possível conciliar mitologia e ciência? Distintas e distantes?! Uma – estática, fantasiosa, produto cultural da antiguidade...; outra – contemporânea, imperturbável, recipiente das mutações...

Por outro ângulo, ainda que você não seja o psiquiatra ou analista, reconhecerá que certos “macrorganismos” (pseudodivindades) mudam facilmente os disfarces (especialmente na autopromoção eleicoeira). Contudo, diversamente do reservado *Proteus*, conclamam a mídia, loquazes, e futurologistas, prometem benesses. Em comum, apenas, a capacidade de permanecer indefinidamente à superfície; jamais se afogam, pois flutuam no seu *habitat*: *aquele mar!* que não é o de Creta nem o de Egeu, muito menos o deste caíçara.

Arary da Cruz Tiriba

Professor titular (aposentado, em atuação voluntária, da UNIFESP/EPM)

Em épocas proximais, Edmund Weil e Arthur Felix indentificaram o *Proteus x-19*. O isolamento não foi da água do mar, mas de outro meio líquido, a urina de tíficos. Não houve necessidade de restringi-lo, mas mantiveram-no cativo no laboratório moderno, no qual, novamente, mostraria a sua versatilidade: a habilidade para reagrupar os organismos *rickettsiais* causadores da temível devastação epidêmica de outros tempos, qual seja, o tifo das galeras e das prisões. Daí a reação de Weil-Felix. Novo salto *olímpico* de *Proteus*, de uma arte para outra, da mitológica para a biológica!

Homeopatia

Medicina sob medida

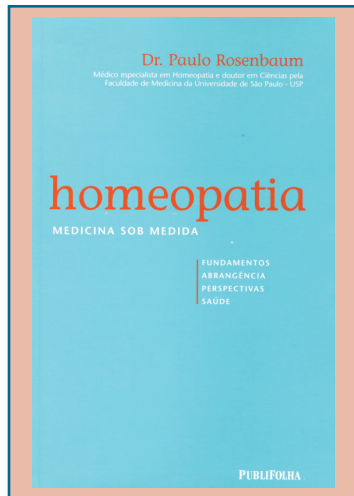
Guido Arturo Palomba

Com o título acima o médico Paulo Rosenbaum publicou um livro, de grande abrangência, com fundamentos sólidos sobre a centenária especialidade.

A Homeopatia, como especialidade médica, trata o indivíduo globalmente, ou seja, como um ser biopsicossociocultural. E, nesta perspectiva plural, administra a terapêutica, baseada em similitude e observação clínica, por meio da individualização dos sintomas, fonte primeira do conhecimento. Ouvir o paciente, interpretar seus anseios, acolher suas narrativas e queixas são condutas que se completam com a administração de fármacos, na razão do *similia similibus curantur* (semelhantes curam semelhantes), ou seja, não se baseia, como na medicina alopática, no *contrariis contrariis*, a terapia dos contrários.

O livro de Paulo Rosenbaum é um excelente manual para os que desejam conhecer a ciência, a doutrina e a vida de Samuel Hahnemann, médico fundador da Homeopatia.

A propósito, Paulo Rosenbaum é um dos mais importantes livreiros do Brasil, colecionador de peças raras, raríssimas, garimpeiro de gemas preciosas da literatura médica e filosófica, alfarrabista de tradição, que certamente utilizou algumas maravilhas literárias de sua coleção pessoal para erigir o seu belo livro, cuja leitura recomenda-se, por ser estudo sério da Homeopatia, escrito de forma clara, distinta e adequada.



A distensão do tempo

Ives Gandra da Silva Martins

*Para Waldenise Cossermeli
e Leontina Margarido,
médicas de minha permanência.*

Nesta prisão do corpo envelhecido,
Caminho passo a passo para o fim,
Descortinando sombras sem sentido,
Que nunca povoaram meu jardim.

Eu toco, sem saber, a eternidade,
Num tempo que se esgota pelo espaço,
Eu vivo, intensamente, a própria idade,
Nos limites senís de meu cansaço.

As flores, eu as sinto na minh'alma,
Como astronauta de um planeta escuro.
Dos sonhos do passado sobra a calma,
Que me mostra o caminho mais seguro.

A voz que, no meu verso, inda me resta,
É a luz que a Medicina, hoje, me empresta.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.